

ISSN 2446-6972
ANO 3 - Edição Especial 1, 2016

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas



Dossiê Humanos & Não-Humanos

Programa de Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal de Pernambuco

REIA – Revista de Estudos e Investigações Antropológicas
Publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA)
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

A Revista de Estudos e Investigações Antropológicas – REIA é publicada semestralmente e organizada pelo corpo discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Destina-se ao desenvolvimento das discussões contemporâneas na Antropologia em suas diversas áreas. A revista publica trabalhos inéditos em português, espanhol e inglês.

Organizadores: Daniela Sales de Souza Leão, Gláucia Santos de Maria e Thiago Santos da Silva.

Editores: Amanda Priscila Souza Silva, Arlindo José Netto, Daniela Sales de Souza Leão, Francisca Jeannié Gomes Carneiro, Gilson Rodrigues, Gláucia Santos de Maria, Jailma Maria Oliveira, Jamilly Rodrigues da Cunha, Juliana Gonçalves da Silva, Miguel Colaço Bittencourt, Raoni Borges Barbosa e Thiago Santos da Silva.

Avaliadores: Ana Cláudia Rodrigues, Breno Vilela, Hugo Menezes, Lady Selma Ferreira Albernaz, Mísia Reesink.

Apoio Técnico: PPGA-UFPE



Vol. Especial I, 2016.

REIA- Revista de Estudos e Investigações Antropológicas/Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Volume Especial 1(2), 2016.

Ilustração da capa: Humanos e Não Humanos – Amanda Priscila Souza e Silva

Revista de Estudos e Investigações Antropológicas: Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE. Ano 3, Vol. Especial I, 2016.

ISSN: 2446-6972.

1. Antropologia – Periódicos. I. SALES, Daniela; DE MARIA, Gláucia Santos; SANTOS, Thiago.

II. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia e Museologia. Programa de Pós-Graduação em Antropologia.

Endereço eletrônico: <http://www.revista.ufpe.br/reia/index.php/reia/index>

SUMÁRIO

Artigos	Páginas
A antropologia ecológica ingoldiana e as relações entre humanos e outros animais. Autora: Gláucia Santos de Maria	9
Os desdobramentos do debate sobre os conceitos de Natureza e Cultura em Tim Ingold. Autor: Berlano Bênis França de Andrade	23
Teoria da ação e seus desdobramentos metodológicos: da ação à teoria-ator-rede. Autores: Filipe B. Amaral; Vitor Jasper; José Luiz F. C. Filho	34
O corpo animal como símbolo do mal: o vegetarianismo não-animalitário no alvorecer da imprensa moderna diamantinense (virada dos séculos xix/xx) Autor: Gustavo Nassar Lopes	52
Relações entre humanos e não-humanos na produção de ‘corações artificiais’ – o que produzem os testes <i>in vivo</i> com porcos? Autora: Marisol Marini	78
As ciências das crenças e as crenças nas ciências: Simetrização e posicionamento etnográfico em uma pesquisa sobre seres ‘não-humanos’ no(s) candomblé(s) Autor: Thomás Antônio Burneiko Meira	104
NÃO É ILUSÃO! (Um estudo sobre a relação entre humanos, ambiente e técnicas na prática do ilusionismo) Autora: Christianne Galdino	127

Apresentação do Dossiê Humanos e Não Humanos

Daniela Sales de Souza Leão¹

Gláucia Santos de Maria²

Thiago Santos³

A proposta da produção do Dossiê Humanos e Não Humanos, como volume especial da Revista de Estudos e Investigações Antropológicas- REIA, é fruto de todo um debate contemporâneo em torno das tensões produzidas pela releitura crítica acerca das relações entre natureza e cultura, humanos e não humanos.

Tal retorno ao tema central na constituição de nossa disciplina, conhecido como virada ontológica, fez com que as distinções outrora dadas como certas fossem postas em questão, borrando as fronteiras estabelecidas na percepção do que compõe o humano, a natureza e suas mediações: dicotomias animalidade/humanidade, natureza/cultura, humanos/ambiente/técnica, até mesmo a própria produção de fatos científicos mediados por tecnologias, foram postas em *check*.

Nesse sentido, ao se debruçarem sobre essas questões, os autores e autoras do presente dossiê abordam diferentes perspectivas concernentes a esse cenário. É discutido desde uma revisão histórica da maneira como os animais não-humanos são representados no contexto de modernização de uma urbe; passando por revisões bibliográficas de autores seminais para este debate, como a antropologia ecológica discutida por Tim Ingold e seus desdobramentos sobre os conceitos de Natureza e Cultura, e a teoria de ação Bruno Latour; pesquisas etnográficas situadas neste cenário com campos extremamente pertinentes para estas reflexões: pesquisas *in vivo* com porcos para a produção de “corações artificiais” e sobre a prática do ilusionismo.

¹ Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE)

² Mestranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE)

³ Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA-UFPE)

Sobre o Dossiê

O primeiro artigo do dossiê, escrito por Gláucia Santos de Maria, “A antropologia ecológica ingoldiana e as relações entre humanos e outros animais”, tem o objetivo de fazer uma revisão de algumas ideias de Tim Ingold a partir de alguns comentaristas, a exemplo de Jean Segata, Sautchuk e Stoecli, Carvalho e Steil e Silva, que se debruçaram sobre as relações entre animais humanos e não humanos, procurando explorar algumas reflexões da antropologia ecológica ingoldiana em torno da maneira pela qual devemos repensar os seres humanos e suas relações com outros animais. Colocando a proposta antropológica de Ingold a partir de um diálogo entre Antropologia e Biologia e sua crítica à separação entre cultura e natureza presente no pensamento ocidental.

Seguindo o debate proposto no artigo anterior, temos a revisão bibliográfica escrita por Berlano Andrade sobre “Os desdobramentos do debate sobre os conceitos de Natureza e Cultura em Tim Ingold”, em que o autor procura se debruçar no debate que emerge na antropologia a respeito da dualidade entre natureza e cultura. O percurso que ele faz procura delimitar os termos do debate no qual as contribuições do autor poderão ser apresentadas. Assim, a discussão acerca de como a antropologia vem lidando com a chave natureza/cultura dará os contornos iniciais pelos quais transitará sua revisão. E isso é feito a partir de dois eixos: no que concerne a relação entre evolução e História e noções de humanidade e animalidade.

Em seguida, o artigo escrito em trio por Filipe B. Amaral, Vitor Jasper e José Luiz F. C. Filho, intitulado “Teoria da ação e seus desdobramentos metodológicos: da ação à teoria-ator-rede.”, enfoca uma boa discussão sobre a teoria da ação, partindo de autores como Max Weber e Anthony Giddens até chegar em Bruno Latour, afim de pensar criticamente a ideia de ação social e definições do próprio âmbito “do social”. Para isso, os autores usam como ponto de inflexão o retorno a um texto etnográfico sobre a construção de um bosque urbano na região metropolitana de Curitiba-PR – produzido anteriormente ao artigo aqui apresentado – onde não teriam notado pontos importantes para compreensão da relação do bosque como agente central na rede estabelecida naquela localidade.

Logo após, o artigo “O corpo animal como símbolo do mal: o vegetarianismo não-animalitário no alvorecer da imprensa moderna diamantinense (virada dos séculos XIX/XX)”, de Gustavo Nassar Lopes, é um texto que traz em uma perspectiva histórica a análise da dinâmica entre os humanos e os animais não-humanos na cidade de Diamantina-

MG. Tomando como mote as diversas nuances valorativas que esta veio a configurar a partir do material produzido pela imprensa diamantinense neste período, onde as tensões entre o moderno e o tradicional produziam uma série implicações negativas associadas à presença dos animais não-humanos no espaço da urbe modernizada. O artigo é decorrente da discussão iniciada na pesquisa de mestrado do autor, onde a questão central é compreender a relação entre a rejeição dos animais não-humanos no espaço urbano com a defesa de que estes não devem ser subjugados.

Já o artigo “Relações entre humanos e não-humanos na produção de ‘corações artificiais’ – o que produzem os testes *in vivo* com porcos?”, escrito por Marisol Marini, é resultado de pesquisa etnográfica onde a autora buscou descrever e analisar os testes *in vivo* que são feitos com porcos, para a produção/aperfeiçoamento de “dispositivo de assistência ventricular” ou “coração artificial”. Neste artigo, são abordados os desdobramentos e problematização da descrição, expostos a partir da instigante etnografia em laboratórios de hospitais. Onde temas como o da materialidade dos corpos, as relações de poder interespecíficas escamoteadas, o processo de produção de conhecimento são mediados pela relação entre humanos e não-humanos (animais e máquinas).

O trabalho desenvolvido por Thomás Antônio Burneiko Meira, intitulado “As ciências das crenças e as crenças nas ciências: Simetrização e posicionamento etnográfico em uma pesquisa sobre seres ‘não-humanos’ no(s) candomblé(s)”, faz uma discussão sobre as agências não-humanas sob o ponto de vista de um iniciado em um terreiro de candomblé em São Paulo. Em seguida, o autor procura fazer uma revisão de algumas abordagens clássicas sobre a referida religião contrapondo-as com teorias mais recentes. Por último, levanta algumas questões relativas à “relevância dos etnógrafos-nativos, ou dos nativos-etnógrafos, para os movimentos de simetrização”.

Por fim, encerramos o Dossiê com o texto de Christianne Galdino, “NÃO É ILUSÃO! (Um estudo sobre a relação entre humanos, ambiente e técnicas na prática do ilusionismo)”, que reflete sobre as peculiaridades do ofício do mágico ou ilusionista a partir de uma análise da relação entre humanos, não humanos e técnicas. Nesse sentido, a autora se debruça sobre os conceitos de prática e técnica; *skill* e organismo-pessoa (Descola e Ingold, respectivamente) que redirecionam a dicotomia natureza e cultura, bem como dialoga com autores do ilusionismo, das artes cênicas e com trabalhos antropológicos a exemplo de Claude Lévi-Strauss, Manuela Carneiro da Cunha e Carlos Emanuel Sautchuk. Por fim, ela se detém ao processo de formação de mágicos no Brasil a partir de depoimentos, com o intuito

de analisar “as relações estabelecidas e os processos de aprendizado instaurados, abarcando a tríade ‘humano-artefato-técnica’”.